



PRESENÇA DE FRONTEIRAS CULTURAIS na mídia local de fronteiras nacionais

Karla Maria Müller*

APRESENTAÇÃO

A fronteira constitui-se em elemento de investigação de diferentes Campos do Conhecimento. Apesar da globalização e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) provocarem fluxos em nível mundial, as fronteiras permanecem presentes, talvez de modo mais enfático. Demarcam limites ou sinalizam eixos de contato; determinam o perímetro de regiões, países ou se definem como pontos de aproximação; identificam contornos ou passam a ser referência como espaços de integração entre povos e grupos. Por questões como estas, tornam-se ‘objeto de desejo’ de pesquisadores que buscam por meio delas compreender o que provocam. Mais do que definições colocadas em tratados e acordos políticos e econômicos, despertam o imaginário, tornam-se marcas simbólicas.

As discussões sobre o fenômeno passam pelas fronteiras nacionais, fronteiras culturais, por aspectos reais e visíveis (nas ruas nas praças, as pontes) constructos simbólicos significativos que habitam o pensamento de cada um. No caso das fronteiras nacionais, cabe destacar que não ostentam apenas o status de lugar de Segurança Nacional ou porta de entrada de produtos importados, mas representam um espaço importante de conexão com a cultura do outro, aquele que está logo ali, na cidade vizinha ou então na mesma, quando as duas cidades co-irmãs formam uma só aglomeração urbana.

* Karla Maria Müller é professora e pesquisadora do Programa de PPG em Comunicação e Informação da UFRGS; Coordenadora da pesquisa ‘Práticas Socioculturais Fronteiriças na Mídia Online’; Assessora *Ad Hoc* do CNPq.

Embora existam espaços ricos para analisar as fronteiras culturais em qualquer lugar e sob diferentes óticas¹ (GRIMSON, 2000), (MARTINS, 2002), (OSÓRIO; PEREIRA; OLIVEIRA, 2008) (LAMBERTI, MARTINS, 2010), (GALLINATI [et al.], 2011), as fronteiras nacionais conurbadas e semi-conurbadas apresentam-se como cenário propício para avaliar *in loco* como se estabelecem processos de interação com nichos de intersecção entre distintas culturas. Podemos afirmar que os espaços de fronteiras nacionais são fecundos para analisar a presença de fronteiras culturais, existentes em tantos outros lugares, mas aqui mais fáceis de verificação.

Devido à complexidade do espaço fronteiriço, ao buscar compreendê-lo, partimos da leitura do contexto sócio-histórico, da doxa e passamos pela mídia local, considerando as funções comunicacionais na sua amplitude (levando em conta a produção, circulação e recepção de formas simbólicas). Deste modo, realizamos um exercício de (re)interpretação (THOMPSON, 1995) do fenômeno no qual, nestes casos, as marcas da cultura e da identidade fronteiriça recebem destaque, dividem a atenção com no mínimo duas culturas nacionais e contam com mediações nas relações interpessoais e interinstitucionais, nas quais os meios de comunicação de massa se fazem presentes (THOMPSON, 1998).

PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS nas fronteiras nacionais

Analisando os movimentos dos fronteiriços constatamos a existência de elementos que estão presentes nestes espaços e solicitam nosso olhar investigativo. Entre eles podemos destacar: flexibilidade e oscilação em tratar o lugar como local ou internacional; forte espírito de identidade nacional, alimentado por cidadãos de ambos os lados; presença constante do tráfego de drogas, contrabando, abigeato; consideração, por parte dos moradores locais, do espaço como marginal em relação às demais regiões do país etc.

Um sentimento forte entre as pessoas do lugar é de alteridade, o que provoca melhor aceitação de culturas distintas. Neste aspecto, é enfática a presença de imigrantes árabes e palestinos que se estabelecem em diversos pólos das fronteiras nacionais. Além de serem atraídos pela possibilidade de instalarem estabelecimentos comerciais nos ‘dois lados’, também percebem que seus hábitos culturais passam a ser mais um entre os existentes no lugar, pois estão presentes duas (ou mais) línguas e duas nacionalidades. Isto favorece o acolhimento de

¹ Estudos realizados em distintas áreas do conhecimento como Antropologia, Literatura, Geografia, História, Turismo etc abordam questões ligadas às fronteiras culturais.

outros costumes (mesmo que de modo gradual) e a conquista pelo respeito dos habitantes locais.

Mesmo que haja semelhanças indiscutíveis nos espaços aqui descritos, há peculiaridades no modo de (re)tratar a fronteira em cada uma das regiões consideradas: em alguns casos a relação com o outro é vista de modo positivo; outras vezes, a presença do outro é praticamente negada; e há situações em que são verificadas posturas de discriminação. Estas formas de (re)agir em relação à fronteira e aos elementos que a compõem interferem na ênfase dada à integração, nas formas de interação, na preocupação em evitar o conflito ou no tratamento do outro de modo tenso. Contudo, o que predomina nos espaços observados é um relacionamento mais amigável, com destaque para a compreensão e co-operação, ou seja, propício para compreensão de práticas culturais distintas.

Devido à proximidade com o país vizinho, os setores ligados à saúde, meio ambiente e segurança pública sentem-se lesados se as ações são assumidas de modo isolado. Quando não ocorre um entendimento entre os agentes locais (representantes em nível municipal, estadual ou nacional), os projetos ficam prejudicados, alcançando resultados parciais.

Um diferencial nesta configuração recai sobre organizações do setor público, que vão da instância municipal à estadual e federal, ou seja, desde prefeituras, câmara de vereadores, a secretarias da receita estadual e federal e até mesmo consulados e aduanas. Devido esta complexidade, movimentos de conciliação fazem parte das relações cotidianas. Em casos específicos os acordos locais são firmados entre autoridades presentes naqueles espaços, porque há problemas que não podem aguardar burocracias exigidas em nível nacional. Não chegam a ser tratados com acertos ilegais, mas fogem dos parâmetros e padrões habituais de outras localidades.

Nestes espaços, sentimentos de fraternidade e solidariedade andam lado a lado de manifestações de conflito. Por vezes, a impressão que se tem é de que ali se vive uma crise latente, pois, a qualquer deslize, um incidente delicado pode refletir negativamente, provocando desentendimentos entre habitantes do lugar, prejudicando a imagem das fronteiras nacionais perante o olhar de sujeitos externos, que nem sempre compreende o que se passa no cotidiano dessas regiões. A partir das ações do homem do lugar, há dinamicidade no ambiente, sendo destacadas possibilidades de mobilidade, fluidez, receptividade à diversidade, estimulando aproximações entre seus habitantes que, embora façam parte de nações distintas, convivem em sintonia.

Uma marca cultural forte da região é a língua, que distingue os brasileiros de seus *'hermanos'* dos países vizinhos do Cone Sul. Esta distinção pode ser

verificada nas conversas entre os habitantes do lugar. Muitas vezes percebe-se que cada um dos participantes de uma conversa emprega a língua oficial falada em seu país. Embora haja pessoas falando em português e outras em espanhol, existe compreensão no diálogo. Este exercício é corriqueiro nessas áreas de fronteira e só causa estranhamento para um forasteiro desavisado.

Em cidades conurbadas e semi-conurbadas existem lugares de convivência que são desfrutados por moradores de ambos os lados da linha de fronteira. Entre eles, podemos citar praças, parques, restaurantes, bares, agremiações, salas de espetáculos etc. Sem que haja distinção entre a procedência do público frequentador, ou de artistas que estejam apresentando um show, ou da língua em que um filme seja exibido, os acontecimentos se desenrolam sem maiores problemas. Percebe-se a presença de marcas de um dos países ali dispostos lado a lado, mas elas não impedem o estabelecimento de relações harmônicas entre os habitantes do lugar.

Quando a ligação ocorre por meio de uma rua, a facilidade de circulação entre os moradores e visitantes permite uma maior integração de fato; quando o contato se dá com distâncias de poucos quilômetros e até mesmo com o acesso realizado através de pontes, as trocas também são constantes e inevitáveis.

Se por um lado há incorporação de alguns hábitos dos povos do país vizinho, como expressões idiomáticas, por outro, há constatação da aceitação e preservação de diferenças. Por exemplo: o uso de uniforme para alunos do ensino fundamental e médio não é obrigatório nas escolas brasileiras; entretanto, chama a atenção o trânsito pelas ruas das cidades fronteiriças brasileiras e suas co-irmãs de estudantes pertencentes aos países vizinhos, nos quais esta prática ainda é vigente. Com relação aos hábitos de consumo, há diferenças descritas por comerciantes locais: se, por exemplo, os brasileiros são considerados mais consumistas, os uruguaios são vistos como comedidos na aquisição de bens duráveis como carros; se os brasileiros são vistos como mais flexíveis no vestir, os uruguaios são considerados mais conservadores.

Além de encontrarmos estas peculiaridades na fronteira, verificam-se, nestes ambientes, aspectos que podem ser considerados como positivos para a região e de referência para outras localidades. Ações culturais, esportivas, políticas e comerciais que ressaltam a integração entre os moradores do lugar, pertencentes a nacionalidades distintas são comuns na região e organizadas com frequência pelos agentes fronteiriços. Em diferentes áreas, eventos são elevando ao nível de internacional, pois na medida em que contam com representantes de mais de um país, merecem esta designação, ampliando a dimensão e relevância do acontecimento.

As manifestações culturais, de modo geral, são propícias para ressaltar os movimentos realizados pelos fronteiriços no sentido de estimular a integração, respeitar a diversidade cultural e valorizar o que o outro tem para contribuir com o desenvolvimento local. Exemplo disso são acontecimentos cujo foco é a cultura gaúcha, que cativam e atraem naturalmente os habitantes de ambos os lados. Pois, mesmo que apresentando pequenos detalhes de diferenciação, compartilham práticas semelhantes que acompanham as tradições daquele que ocupa a pampa e possui hábitos campeiros, dentre eles, a lida com o gado, ouvir (e dançar) música gauchesca, beber chimarrão e saborear um churrasco.

Devido ao convívio muito próximo, verifica-se também a incorporação de alguns modos de operação do ‘vizinho’. Não é raro encontrar nos domicílios do lado brasileiros, em Santana do Livramento, churrasqueiras com arquitetura uruguaia (próprias para o preparo de *parrijadas*), ou constatar, em estabelecimentos de Ponta Porá, pessoas degustando *ttereré* para se refrescarem do calor; e até mesmo a participação de um Trio Elétrico para abrilhantar o Carnaval de cidades uruguaias e argentinas situadas próximo à fronteira; ou casas de Candomblé disseminadas para o interior do Uruguai e Argentina, oriundas da sede situada em Santana do Livramento (DORFMAN; BEM, 2011).

O comércio também provoca o trânsito dos moradores locais de um lado ao outro da fronteira. De acordo com as oscilações do câmbio, e da oferta de mercadorias provenientes de regiões próximas, há o estímulo pelo consumo de bens produzidos no país vizinho, fortalecendo a incorporação de hábitos e comportamentos. Além disso, temos que considerar os *free shops* existentes em alguns pontos da fronteira que propiciam a aquisição de mercadorias importadas de outras partes do mundo. Em Rivera e Santana do Livramento ou em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, a água quente para o chimarrão e a gelada para o *ttereré*, fica acondicionada em garrafas térmicas adquiridas por baixos preços nos *free shops* da região, auxiliando na disseminação de práticas culturais consagradas naquelas comunidades.

Entretanto, não podemos esquecer que ocorrem episódios negativos nos espaços fronteiriços. Neste aspecto, há ocorrências policiais que afetam a segurança pública, como fatos ligados ao comércio ilegal, roubo e comercialização de drogas, que fazem parte do dia-a-dia destas regiões, mas dependendo do destaque que recebem, enfatizam o lado ruim da vida na fronteira e abrem margem para uma leitura pejorativa da região. Vale lembrar que, nestes casos, os sujeitos envolvidos podem ser brasileiros, uruguaios, ‘*doble chapas*’, paraguaios, ‘brasiguaios’, bolivianos, enfim, moradores do lugar.

Roubo de carros é recorrente nas fronteiras nacionais. Mesmo assim, em Santana do Livramento-Rivera, denominada pelos próprios membros da comunidade como “Fronteira da Paz”, ou em Foz do Iguaçu-Ciudad de Leste, cujo acesso é feito pela “Ponte da Amizade”, deve ser tratado com cautela e chamar a responsabilidade pelo combate ao crime para autoridades de ambos os lados da linha divisória.

Relatamos movimentos que ocorrem em diferentes Campos Sociais nos espaços de fronteiras nacionais, nos quais é possível verificar marcas de fronteiras culturais. Como não poderia deixar de ser, a mídia, através de modos e estratégias de operação muito próprios, participa da construção social da realidade. Apresenta acontecimentos na forma de reportagens, notas, cadernos especiais etc, que destacam o que ocorre no dia-a-dia das comunidades das quais faz parte, neste caso, o que se desenrola em municípios cuja sede está situada em áreas limítrofes do território brasileiro.

Marcas de distintas culturas na mídia fronteiriça

Há quase quinze anos somos atraídos e mobilizados pelo que passa nas fronteiras nacionais do Brasil com seus vizinhos do Cone Sul e o papel da mídia na concepção dessas fronteiras. Estimulados por questões ligadas à integração latino-americana chegamos aos espaços das fronteiras brasileiras com Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia. Nossos estudos são direcionados para o binômio Mídia e Fronteira², especialmente à mídia local, produzida e principalmente em circulação nos espaços de fronteiras nacionais, levando em conta elementos que dizem respeito à cultura e à identidade fronteiriça e à participação dos meios de comunicação como sujeito ativo nessa construção³. São organizações midiáticas situadas em espaços de divisa do Brasil com seus vizinhos do Cone Sul da América Latina que incorporam e reforçam algumas práticas peculiares do lugar em seus dizeres e fazeres, reflexos de sua inserção no contexto.

² Mesmo com publicações anteriores, a pesquisa se consolidou com a tese de doutorado (MULLER, 2003), disponível em www.midiaefronteira.com.br.

³ Embora nossas pesquisas estejam voltadas principalmente para a mídia produzida localmente, realizamos análises sobre como revistas nacionais (como a *Veja*) dedicam espaço para assuntos relativos às fronteiras nacionais, a soberania e os dirigentes dos países ligados ao Brasil geograficamente; em outros estudos, pesquisamos jornais regionais e o tratamento dado aos argentinos, quando em férias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (JACKS, BENETTI, MÜLLER, 2004); recentemente publicamos artigo com breve análise fílmica sobre O banheiro do Papa (ACKER; MÜLLER, 2011).

Para poder acompanhar os movimentos socioculturais ali em curso, estudar a mídia e o uso de novas tecnologias torna-se fundamental. Nas páginas dos jornais impressos (MULLER, 2003), dos noticiários das emissoras de rádio (RADDATZ, 2009), dos telejornais (CANCIO, 2011), do uso de aparelhos de DVD, celulares, antenas parabólicas (MARTINS, 2011) e também por meio de mídias digitais (MÜLLER, RADDATZ, 2010) ficam evidenciadas as marcas das culturas que compõem o contexto, ações de reforço ou anulação de práticas específicas do lugar.

Os meios de comunicação apresentam os fazeres das comunidades⁴ das quais fazem parte. Este movimento se processa por meio das pautas que organizam, das reflexões que estabelecem com o seu público a partir de seções e colunas jornalísticas, da grade de programação radiofônica e televisiva, dos sujeitos chamados para a cena, dos enquadramentos realizados nos arranjos do campo profissional.

Ampliando o espectro e suas repercussões, do local para o mundial, via internet (MULLER, GERZSON, RADDATZ, BOMFIM, PRADO, 2011)⁵ e de modo estruturado, a fronteira fica exposta para o olhar de indivíduos que acessem sites da mídia local. Desta forma, é possível acompanhar os acontecimentos que ocorrem em espaços de fronteiras nacionais nos quais há convívio permanente entre os habitantes do lugar, mesmo com a existência de elementos pertencentes a culturas diversas.

A ênfase de nossas análises recai sobre informações que relatam as práticas socioculturais do lugar, distribuídas para o leitor, radiouvinte, telespectador e agora também disponibilizadas na internet, através de sites e portais, cujo acesso pode ser feito daqueles espaços geográficos ou de qualquer lugar do mundo. A produção das mensagens é realizada na sede de empresas de comunicação, localizadas em cidades como Santana do Livramento, Barra do Quaraí, Uruguaiana, Foz do Iguaçu, Ponta Porã e Corumbá. Com a utilização de aparato tecnológico, a produção da mídia local não ficou mais restrita à circulação na região das cidades fronteiriças brasileiras e suas vizinhas – como Rivera, Bella Unión, Monte Caseros, Paso de Los Libres, Puerto Iguazu, Ciudad del Leste, Pedro Juan Caballero e Puerto Quijarro.

As notícias sobre o que ocorre nas regiões fronteiriças estão disponíveis para os internautas. São reportagens sobre acontecimentos e exercícios cotidianos dos sujeitos fronteiriços, incluindo organizações de caráter privado, representativas da região, como as próprias empresas midiáticas. Como é de se esperar, aspec-

⁴MÜLLER; RADDATZ, 2010.

⁵<http://seer.ufrgs.br/intexto/issue/view/1444> Acesso em 17 de novembro de 2011.

tos negativos e positivos do espaço fazem parte das matérias que compõem o noticiário diário, expondo o contexto social.

Para evitar a rivalidade entre os moradores das cidades situadas nos limites do território nacional, os comunicadores que atuam na mídia local realizam um exercício maior do que o habitual (RADDATZ, 2009), no intuito de evitar o desgaste com o vizinho, o estímulo à animosidade. Com cuidado, mas de modo nem sempre consciente, são selecionadas imagens, produzidos textos, cujas escolhas são definidas com o objetivo de minimizar crises locais, evitando que o desconforto se propague para além do perímetro local, avançando para o âmbito regional, afetando o país e até mesmo as relações internacionais. Desta forma, não fica prejudicado o fazer jornalístico, responsabilidade dos profissionais da mídia.

Em fragmentos de textos extraídos das versões impressa e online de periódicos locais, ficam evidenciadas marcas que remetem o receptor a pensar a fronteira não como limite, fechamento ou obstáculo, mas como fronteiras vivas⁶.

Segundo nossa avaliação⁷, assuntos ligados a eventos culturais, geralmente tema brando nos noticiários, tem capacidade de aproximar os povos. Os sujeitos e as instituições da fronteira realizam um exercício diário para estabelecer um convívio harmônico com os grupos locais. Em festividades como o Carnaval, constata-se que, mesmo sem consenso entre autoridades locais para organizar uma única celebração, a partir do que ocorre naquele espaço, foliões aproveitam para se divertir e brincar nos salões dos clubes e até mesmo nas ruas das cidades dispostas lado a lado. Este enfoque, valorizando as negociações entre os sujeitos locais, recebe destaque e é tratado de forma positiva pela mídia local.

Nos desfiles de datas comemorativas, como a Semana da Pátria e Semana Farroupilha, são acolhidos representantes das comunidades vizinhas, ampliando o espectro da região fronteira, tanto para um lado quanto para o outro, incluindo municípios localizados além da linha divisória. Os jornais, emissoras de rádio e TV, estabelecidos na região, fazem questão de enfatizar a interação que ocorre na comunidade fronteira. O que ficou documentado em trechos das reportagens analisadas é que em qualquer um dos Campos Sociais, os sujeitos e as instituições da fronteira (entre eles a mídia e seus agentes) reforçam a importância de encontrarem soluções que contornem as dificuldades de modo a atender as necessidades e os anseios das comunidades envolvidas.

⁶ Filiamo-nos aos conceitos de 'fronteiras vivas', de Iturriza (apud PADRÓS, 1994, p. 69). Isto é, espaços de configuração geográfica e humana semelhantes e que, mesmo apresentando uma integração informal, resistem às circunstâncias políticas e de corte.

⁷ (MULLER, GERZSON, RADDATZ, BOMFIM, PRADO, 2011).

A realidade da fronteira é única. E para a mídia, ao mesmo tempo em que ela é tratada num contexto local, precisa ser abordada numa conjuntura maior que inclui a região e mais de um país. Os meios de comunicação da região atuam reconhecendo o seu alcance dentro de um espaço físico que é também internacional e por isso, tudo o que repercutir sobre o local pode ter impacto também nas relações de poder e soberania. Nesse aspecto, a mídia situada na fronteira trabalha na perspectiva do exercício de reconhecimento das identidades culturais e realidades sociais que permeiam os países separados por uma faixa geográfica, mas tão próximos pelas rotinas e experiências de sua população.

Pode-se afirmar que as práticas socioculturais documentadas pelos meios de comunicação da região testemunham a presença da cultura local como algo vivo e em constante movimento. Reescrevendo cotidianamente o universo da fronteira e as relações de seus povos, seja como lugar de integração ou como espaço de tensão, evidencia, por meio das pautas diárias, como Eventos Culturais, Internacional e Segurança Pública, os fazeres e dizeres do homem do lugar, as características do ser fronteiriço.

Se por um lado os meios de comunicação locais dão destaque a elementos de uma ou de outra cultura nacional, demarcando fronteiras culturais; por outro, atribuem a ações do homem do lugar práticas que demonstram a existência de uma cultura muito própria da região: a cultura fronteiriça. Mantendo páginas no jornal local no idioma da nação vizinha, rodando músicas do outro país nas emissoras de rádio, dando ênfase a eventos e acontecimentos locais em seus noticiários, discutindo temas que dizem respeito não necessariamente exclusivo aos moradores do lugar, a mídia atua com o caráter integracionista. Mesmo que esteja expondo traços de fronteiras culturais da região.

Ao assumir o discurso dos sujeitos locais, os meios de comunicação passam a construir representações da fronteira. Com a criação de sites e portais, este modo de operação produz sentidos não apenas para o homem da região, mas também para aquele que acessa a informação pela internet e que passa a construir imagens e representações sobre esses espaços binacionais e trinacionais. Esse discurso provoca outros discursos, reelabora sentidos e contribui para projetar, de modo mais positivo, a fronteira.

Apesar das diferenças culturais, que na fronteira tendem a ser amenizadas pela convivência e relações humanas, a mídia também reproduz possibilidades de vida, quase como uma resposta às angústias existenciais ou sociais. Pela comunicação, a realidade se fragmenta e se amplia ao mesmo tempo, com a possibilidade intensa de transformação e nascimento do novo; incorpora os elementos fundamentais da vida quotidiana, como as relações sociais, os fatos

do dia-a-dia da região, e estabelece vínculos, reproduzindo e criando novas representações da vida fronteiriça.

Temos defendido que, por meio de mecanismos existentes, é possível instigar o diálogo com fronteiriços de outras regiões (com experiências diversas) e também com sujeitos que não habitam necessariamente os limites nacionais, mas certamente vivenciam experiências semelhantes em outros espaços, nos quais há inúmeros aspectos ligados às fronteiras culturais. Assim provocados podem pensar em si a partir da condição do outro, ou seja, do contraste, da diferença.

Porém, este tipo de troca e interação é pouco estimulado pela mídia fronteiriça e pelos agentes que a elaboram, pois ainda é acanhado o uso que os produtores de informação da mídia local fazem da tecnologia disponível para estabelecer um processo comunicacional efetivo, que ultrapasse a demarcação do local, ganhando terreno e visibilidade global, via internet. Não há um trânsito ágil do veículo pelos temas ligados ao contexto, nem são explorados os aspectos mais abrangentes que a web viabiliza, ou seja, ultrapassar a configuração de notícia local, abrindo-se para distintos olhares sobre o fenômeno fronteira, de modo a estimular manifestações do leitor, ouvinte, telespectador, internauta.

Mesmo que não façam uso de toda a potencialidade que, de certa forma está ao seu alcance, os comunicadores que atuam na mídia de fronteira auxiliam na construção de uma imagem positiva, replicando a existência de uma “Fronteira da Paz” e de uma “Ponte da Amizade” perante os leitores locais e também os mais distantes internautas. Difundindo a ideia de que é possível conviver lado a lado, com um vizinho pertencente a outra nação - com hábitos e costumes distintos - de modo amigável, integrado, ultrapassando empecilhos que possam surgir por conta de fronteiras culturais, estes profissionais da mídia, assim como a empresa jornalística para a qual trabalham, podem estar estimulando formas de valorizar o convívio pacífico entre habitantes de fronteiras nacionais, tão conflituosas e mal vistas em outras partes do mundo.

Eric McLuhan (2011), em palestra proferida recentemente, ressalta que, com a internet, podemos estar presentes em todas as partes do mundo, em diferentes momentos – e isto é viver de forma mítica. Segundo ele, o ambiente é invisível, por isso precisamos de ferramentas para torná-lo visível. A mídia local, ao disponibilizar imagens, textos, destacando as manifestações dos sujeitos destes lugares, contribui para dar visibilidade à vida na fronteira. Ela está na internet e pode ser visitada a qualquer instante, por qualquer um que deseje conhecer o fenômeno e as formas de relacionamento que ali se processam.

O que fica evidenciado nas práticas socioculturais dos fronteiriços, incorporadas e difundidas pela mídia local, é que estes espaços são mais do que

barreiras. São pontos de contato, possibilidades de mobilidade. Atendem as exigências do momento de globalização e mundialização, nos quais não só mercadorias, moedas, informações, bens e pessoas circulam, mas mais do que isto, elementos da identidade e da cultura dos povos ali estabelecidos. E neste aspecto, a mídia local é um dos agentes responsáveis por tornar o fenômeno fronteira e as relações sociais dos espaços de divisas nacionais aparentes e reais.

Considerações finais

Torna-se cada vez mais evidente a preocupação em entender os fenômenos que estão ocorrendo no mundo e que mexem com a identidade dos sujeitos e as percepções da cultura. Por isso, analisar a fronteira e o papel da mídia nesses lugares é um exercício importante para visualizar como se dão as relações entre diferentes culturas, identificando fronteiras culturais.

Grosso modo, ao tratar das fronteiras nacionais, a mídia apresenta um panorama ruim, dando destaque aos temas negativos. Mas isto não é partilhado pelos meios de comunicação produzidos nos espaços fronteiriços. Nos casos analisados, o destaque que estes dão está focado em movimentos que propiciam a valorização das ações do homem do lugar, que são positivas.

Acordos firmados entre os agentes locais, eventos e práticas socioculturais realizadas nos distintos Campos Sociais solicitam visibilidade e neste aspecto a mídia faz seu papel de disseminadora de informações, demonstrando através de seus produtos e da sua participação efetiva que é possível a vida na fronteira, sem que haja predomínio de conflitos e desavenças. São acontecimentos que mostram particularidades, entre elas, a diversidade cultural presente naquelas regiões. Ações que já fazem parte do cotidiano dos grupos ali sediados, incorporadas e reproduzidas, mesmo que de maneira naturalizada, fazem parte da cultura fronteiriça e das marcas culturais daqueles espaços.

Mais do que restrita à circulação local, agora, via internet, as práticas socioculturais fronteiriças estão expostas para quem quiser acessar um site ou portal de entidades localizadas em divisas nacionais, entre elas as dos jornais, rádios e emissoras de TV. No caso específico das fronteiras aqui retratadas – do Brasil com seus vizinhos do Cone Sul da América Latina – percebe-se que na relação existente o que predomina é a fraternidade, compreensão e respeito pelo outro. A partir do que é visto no outro, o homem fronteiriço vê, percebe e aceita a si; realiza um movimento de auto-valorização, indo de encontro com o que é apregoado nas notícias dos periódicos impressos e online, rádios, revistas e telejornais nacionais, alguns deles com repercussão e circulação internacional.

Nos espaços de fronteiras, marcas das culturas e identidades nacionais dividem o mesmo contexto. Soma-se a isto uma outra esfera, a da fronteira. O que fica evidenciado é a existência de diferentes práticas socioculturais pertencentes a grupos distintos. De acordo com as exigências do momento, uma ou outra é acionada. Se a referência é para a nação, elementos específicos, ligados à cultura de um dos países ali situados, predominam, e outros, referentes ao outro país, são colocados de lado; se a ênfase é para a condição de fronteiro, o que recebe destaque são os traços ligados à fronteira, reforçando a relação construída com o vizinho, que vive a mesma realidade. São nuances que contornam as fronteiras culturais dos grupos que enriquecem o ambiente com seus hábitos e costumes muito próprios de quem pode oscilar entre o local, o regional e o internacional. E este movimento pode ser acompanhado nos passos dados pela mídia fronteira que fortalece e acompanha estágios de aproximação e distanciamento entre os sujeitos que se estabelecem de um ou do outro lado da linha divisória, muitas vezes apenas definida por quem desconhece o que efetivamente torna a fronteira um espaço singular.

Referências

- ACKER, Ana M.; MÜLLER, Karla M. A fronteira no espaço fílmico de O banheiro do papa. In: *Comunicologia* - Revista de Comunicação e Epistemologia. N.º. 9, 2011.2. Brasília: Unb, N2011 (p. 147-162).
- DORFMAN, Adriana; BEM, Daniel F. de. Terreiro, território e transnacionalização religiosa no Prata. In: DIAS, Leila C.; FERRARI, Maristela (orgs.). *Territorialidades humanas e redes sociais*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2011 (p. 91-113).
- CANCIO, Marcelo. *Televisão fronteira*: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.
- GALLINATI, Carla [et al.]. *Fronteiras da integração*: dimensões culturais do MERCOSUR. Porto Alegre: Território das Letras, 2011.
- GRIMSON, Alejandro (comp.). *Frontteras, naciones e identidades*: la periferia como centro. Buenos Aires: La Crujía, 2000.
- JACKS, Nilda A.; BENETTI, Marcia; MÜLLER, Karla. M. *Hermanos pero no mucho*: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- LAMBERTI, Eliana; MARTINS, Patrícia C.S. *Reexportação e turismo de compras na fronteira*. Pelotas: Ed. UFPel, 2010.
- MARTINS, Maria H. (org.). *Fronteiras Culturais*: Brasil, Uruguai, Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MARTINS, Tiago C. *Vida de gaúcho campeiro*: cultura regional, mídia e desenvolvimento. Jundiá: Paco Editorial, 2011.
- McLUHAN, Eric. The message of Today's Digital Media. In: *Seminário Internacional da Comunicação* - Mídias locativas e transmídias: de que meios e mensagens estamos falando? Porto Alegre: PUC/RS, Novembro/ 2011.

MULLER, Karla M.; GERZSON, Vera R. S.; RADDATZ, Vera L. S.; BOMFIM, Ivan; PRADO, Nathália N. do. Práticas socioculturais fronteiriças no jornal A Platéia: do local ao global. In: *Revista Intertexto*. Porto Alegre: PPGCOM/ UFRGS, 2011.

MÜLLER, Karla M. *Mídia e fronteira*: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese de Doutorado. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

MÜLLER, Karla M.; RADDATZ, Vera L. S. Comunicação e práticas socioculturais fronteiriças: a mídia local de Corumbá(BR)-Puerto Quijarro(BO). In: NUÑES, Angel; PADOIN, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito C. M. (orgs). *Diálogos e dilemas platinos*: Fronteiras. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010, v.1.

OSÓRIO, Antônio C. N.; PEREIRA, Jacira H. do V.; OLIVEIRA, Tito C. M. de (orgs.). *América Platina*: educação, integração e desenvolvimento territorial. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008

PADRÓS, Enrique S. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. In: *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais*. V. 17, n.º 1/ 2, jan/fev, Porto Alegre, 1994.

RADDATZ, Vera L. S. *Rádio de fronteira*: da cultura local ao espaço global. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

